

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
CAMILLE DE ANDRADE ARAUJO

Mudança categorial do verbo *haver* e expansão existencial do verbo *ter* no português brasileiro: análise em plataformas digitais (2015 - 2025)

RIO DE JANEIRO
2025

Camille de Andrade Araujo

Mudança categorial do verbo *haver* e expansão existencial do verbo *ter* no português brasileiro: análise em plataformas digitais (2015 - 2025)

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras: Português - Inglês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Esposito Marins

Rio de Janeiro
2025

Camille de Andrade Araujo

Mudança categorial do verbo *haver* e expansão existencial do verbo *ter* no português brasileiro: análise em plataformas digitais (2015 - 2025)

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras: Português - Inglês.

Aprovada em:

Professora Doutora Juliana Esposito Marins na instituição de ensino UFRJ - Orientadora

Professor João Carlos Tavares da Silva na instituição de ensino UFRJ - Leitor Crítico

Resumo

Este trabalho investiga o comportamento dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais no português brasileiro contemporâneo, com ênfase na escrita digital menos monitorada. Nessa perspectiva, a pesquisa toma como base comparativa os dados analisados por Marins e Duarte (2019), extraídos de sites de reclamação e resenhas de viagem no período de 2015/2016, e os confronta com uma nova amostra composta por sentenças coletadas entre 2024 e 2025 nas plataformas Airbnb e Reclame Aqui. Em seguimento, o estudo adota como referencial teórico a Teoria de Princípios e Parâmetros, em sua versão não lexicalista, e a Morfologia Distribuída, buscando compreender a reconfiguração categorial do verbo *haver*, que deixa de operar como verbo existencial funcional e passa a apresentar forte especialização semântica de valor eventivo. Dessa forma, a análise concentra-se em dois fatores linguísticos centrais: o tempo verbal e o traço semântico do argumento interno. Portanto, os resultados confirmam a consolidação do verbo *ter* como forma predominante nas construções existenciais em contextos de menor monitoramento, enquanto *haver* se mantém como marca de formalidade nos textos de reclamação. No plano qualitativo, observa-se o avanço da especialização semântica do radical *houv-*, que passa a selecionar majoritariamente argumentos abstratos e eventivos, reforçando sua aproximação a verbos como *ocorrer* e *acontecer*. Por fim, a comparação entre as duas amostras evidencia que não há desaparecimento de *haver*, mas uma redistribuição funcional progressiva, marcada pela divisão de trabalho entre os dois verbos no sistema do português brasileiro atual.

Palavras-chave: Sentenças existenciais. *Ter*. *Haver*. Mudança categorial. Português brasileiro.

Abstract

This study investigates the behavior of the verbs *ter* and *haver* in existential constructions in contemporary Brazilian Portuguese, with a focus on less monitored digital writing. From this perspective, the research establishes a comparative analysis between the data examined by Marins and Duarte (2019), drawn from complaint and travel review websites from 2015/2016, and a new corpus composed of sentences collected between 2024 and 2025 from the Airbnb and Reclame Aqui platforms. Subsequently, the theoretical framework is grounded in the non-lexicalist version of the Principles and Parameters Theory and in Distributed Morphology, aiming to account for the categorical reconfiguration of the verb *haver*, which has gradually shifted from a functional existential verb to a semantically specialized item with a predominant eventive interpretation. In this way, the analysis focuses on two central linguistic factors: verbal tense and the semantic feature of the internal argument. Therefore, the results confirm the consolidation of *ter* as the dominant existential form in contexts of lower linguistic monitoring, while *haver* remains associated with greater formality in complaint texts. From a qualitative perspective, the strengthening of the eventive specialization of the *houv-* allomorph is observed, which increasingly selects abstract and eventive arguments, reinforcing its proximity to verbs such as *occur* and *happen*. Finally, the comparison between the two corpora indicates not the disappearance of *haver*, but rather its progressive functional redistribution within the contemporary Brazilian Portuguese system.

Keywords: Existential constructions. *Ter*. *Haver*. Categorical change. Brazilian Portuguese.

Dedico essa monografia à minha mãe e ao meu pai que inspiram a cada dia e me incentivaram a seguir o caminho da língua portuguesa e também da língua inglesa e da educação, espero me tornar pelo profissional cheia de perspectivas e habilidades.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais que tornaram a conclusão desta graduação possível. Obrigada por me apoiar durante essa longa caminhada cheia de altos e baixos e por nunca me deixarem desistir. Parecia distante concluir os meus estudos na tão sonhada federal, como é a distância de Campo Grande até a Ilha do Fundão.

Minha mãe, Dirlene Andrade, meu maior exemplo, incentivadora e a pessoa mais encorajadora que já conheci, foi com essa perseverança que consegui chegar até aqui, obrigada sempre por me tranquilizar nos momentos anteriores a provas e a preparação para apresentações da minha pesquisa. Obrigada por sentar no chão comigo e me escutar que estava ansiosa.

Ao meu pai, Cosme Araújo, que sempre acreditou no meu instinto para estudar as letras e o que elas podem falar através de mim. E me leva todos os dias às 4h da manhã no ponto.

Aos meus amigos, que não aguentavam mais me ver com sono durante as aulas. Que me apoiaram, cada um como podiam, a terminar. Agradeço a vocês, não vou citar os nomes, porque eu posso esquecer algum e todos que criei um vínculo são eternamente especiais. Aprendi tanto também com eles.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, à querida vulgarmente conhecida UFRJ Campus Fundão, por todos esses 5 anos de oportunidade de materialização do aprendizado próspero e crescimento profissional e pessoal, posso afirmar que finalizo esse ciclo como uma outra versão de mim mesma.

E obviamente, à minha diva professora Juliana Marins, a UFRJ tem um achado, obrigada por não desistir de mim e obrigada pelas broncas. Te ter como professora no primeiro período foi uma baita experiência e eu recomendo. Minha orientadora, obrigada por me dar o título de pesquisadora e uma pesquisa com você, que honra.

A quem eu encontrei nas redes sociais e abraçou a minha vida e rotina universitária, um beijo da Camille, um beijo federal.

À Atlética de Letras e à Comissão de Integração, grata por ter me mostrado que a faculdade é além da sala de aula e não me arrependo em hipótese nenhuma de ter sido presidente dessa entidade que carrega a valorização dos cursos de Letras.

SUMÁRIO:

1. Introdução	9
2. O que dizem os estudos sobre <i>ter</i> e <i>haver</i> nas sentenças existenciais	10
2.1 <i>Haver</i> e <i>ter</i> na fala culta carioca dos anos 70 e 90: o estudo de Callou e Avelar (2002)	11
2.2 <i>Haver</i> e <i>ter</i> na escrita do PB: o caso dos sites de reclamação e resenha de viagem (Marins; Duarte 2019)	17
3. Metodologia	27
4. Resultados Airbnb e Reclame Aqui (2024/2025)	29
5. Considerações Finais: a discussão comparativa da nova amostra e a de Marins e Duarte (2019)	32
6. Referências	35

1. Introdução

Ao longo dos últimos anos, muitos autores têm debatido as transformações nas construções existenciais do português brasileiro. Diversas pesquisas mostram a substituição do verbo *haver* pelo verbo *ter*, a mudança de categoria sintática do primeiro verbo e a sua especialização semântica progressiva, indicando uma transformação na língua, com um crescimento significativo do uso do *ter* existencial.

Este trabalho tem como objetivo comparar os resultados das investigações sobre a substituição de *haver* por *ter* nas sentenças existenciais extraídas de sites de reclamação e resenhas de viagem, analisadas por Marins e Duarte (2019), com os recentes dados coletados dos sites *Airbnb* e *Reclame Aqui* (2024/2025), ao longo da minha iniciação científica, a fim de compreender como esse fenômeno se distribui, destacando-se que os principais estudos na área têm centrado suas análises na modalidade oral do PB, o que justifica este trabalho, no sentido de contribuir com uma análise em um nicho pouco explorado.

Nessa perspectiva, ao realizar o levantamento bibliográfico, constatou-se que os sites de reclamação e resenha de viagem seriam um terreno fértil para a pesquisa, pois, em uma primeira análise, verificou-se a presença do verbo *ter* existencial, mais frequente na fala do que na escrita mais padronizada. Entretanto, também foram encontrados dados com *haver*, o que é esperado para a escrita. Assim, esse corpus pareceu interessante justamente por apresentar características da escrita mais padronizada, bem como certa influência da fala. Com essa conjuntura, , escolheram-se os sites de de reclamação e de resenha de viagem e, em que as pessoas reclamam sobre qualquer atividade ou produto oferecidos e avaliam viagens realizadas, por entendermos que os post escritos pelos usuários possibilitaram reflexões sobre o fenômeno que não seriam possíveis na análise de fala ou da escrita mais padronizada, já que na fala o índice de realização de *haver* é muito baixo e restrito aos falantes mais escolarizados e mais velhos, e na escrita *ter* tende a ser evitado por pressão normativa.

Para o *Airbnb* e o *Reclame aqui*, o trabalho utilizou-se do mesmo aparato teórico de Marins e Duarte (2019), a saber a Teoria de Princípios e Parâmetros na versão não-lexicalista (CHOMSKY, 1995) e também, a da Morfologia Distribuída (EMBICK; NOYER, 2004).

Com base na bibliografia consultada, consideramos a possibilidade de que o uso do verbo *ter* no lugar de *haver* com valor existencial esteja se espalhando gradativamente pelo português escrito no Brasil. Esse acontecimento aponta para uma alteração lenta, porém consistente, que parece afetar primeiro textos que se aproximam mais da fala, para, posteriormente, figurarem em textos em que a questão normativa está mais presente.

Além do mais, o foco central deste trabalho é a mudança categorial de *haver* no termos da morfologia distribuída — que passa de um **verbo existencial funcional**, categoria de *ter*, a um **verbo existencial substantivo**, como os verbos *acontecer* e *existir* — observando quais aspectos linguísticos que colaboram para a permanência dele no Português Brasileiro, com a hipótese se ele vai sumir ou apenas se especializar. Entretanto, nota-se também que ele pode ser residual. Dito de outra forma, a mudança categorial de "haver" no PB, conforme analisada por Marins e Duarte (2019), reflete uma reconfiguração na sua estrutura morfossintática, interpretada pela MD como uma alteração nos traços associados à raiz do verbo. Essa mudança está relacionada à remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB e à especialização de "haver" em contextos narrativos específicos.

Para além desta introdução, o trabalho está organizado em cinco partes: a primeira aborda a pesquisa pioneira de Callou e Avelar (2002), que investigaram a mudança nas construções existenciais com os verbos *haver* e *ter* nas décadas de 1970 e 1990, na cidade do Rio de Janeiro; a segunda seção apresenta o trabalho de Marins e Duarte (2019), que servirá de base comparativa para os dados analisados neste trabalho; a terceira descreve, de forma geral, os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados e análise dos resultados; a quarta seção apresenta os dados e as reflexões provenientes de nossa análise; e na quinta e última seção, realiza-se uma comparação entre os resultados obtidos nesta pesquisa e aqueles obtidos por Marins e Duarte (2019). Por fim, encerra-se o texto com as considerações finais.

2. O que dizem os trabalhos sobre *ter* e *haver* nas sentenças existenciais

2.1 *Haver* e *ter* na fala culta carioca dos anos 70 e 90: o estudo de Callou e Avelar (2002)

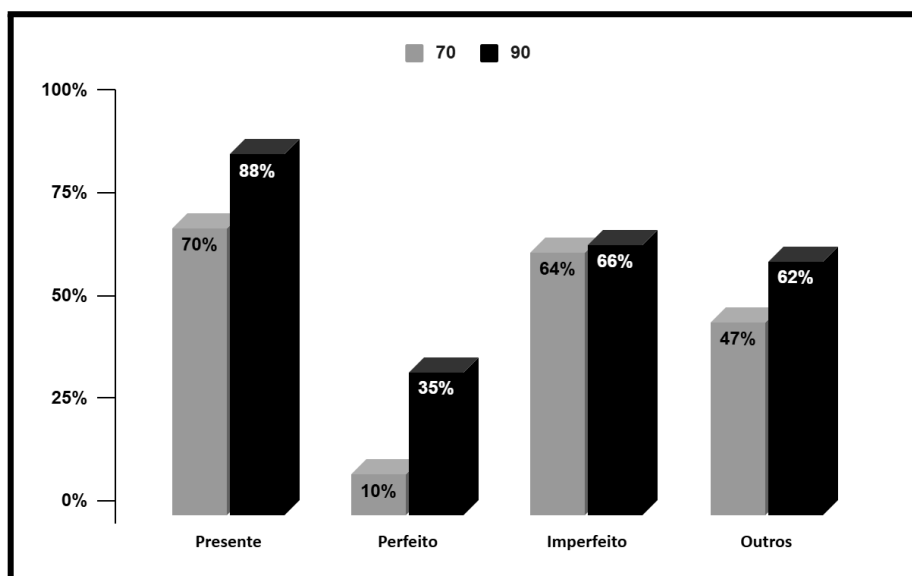
O estudo de Callou e Avelar (2000) sobre o uso dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais no português do Brasil revela aspectos significativos da variação linguística e da mudança no idioma. A pesquisa, focada na fala culta urbana do Rio de Janeiro, retirada do projeto NURC/RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), destaca a preferência crescente pelo verbo *ter* em detrimento de *haver* em contextos existenciais, evidenciando uma distinção entre o português brasileiro e o europeu.

A análise quantitativa, baseada em dados extraídos de entrevistas realizadas nas décadas de 1970 e 1990, mostra que, embora *haver* ainda seja utilizado, *ter* tornou-se a forma predominante nas construções existenciais. Além disso, os autores adotam a Teoria da Variação Linguística de Labov (1994), permitindo examinar tanto a variação em tempo aparente (por faixa etária) quanto em tempo real (ao comparar diferentes períodos de tempo). Além disso, a pesquisa incorpora a Sociolinguística Paramétrica, que integra conceitos da teoria variacionista e do modelo gerativista, oferecendo uma perspectiva abrangente sobre os fatores que influenciam essa mudança linguística.

A análise dos fatores intralinguísticos que influenciam o uso dos verbos *ter* e *haver* na fala culta carioca, com base nos dados do projeto NURC/RJ, revela uma mudança linguística em andamento. Embora a enraização de *ter* no campo de *haver* ainda não tivesse se completado àquela altura, observa-se um aumento significativo no uso de *ter* ao longo das décadas de 1970 e 1990. Esse fenômeno está relacionado a fatores como o tempo verbal, a especificidade semântica do argumento interno, a faixa etária e o gênero do falante, sendo extralinguísticos esses dois últimos fatores analisados.

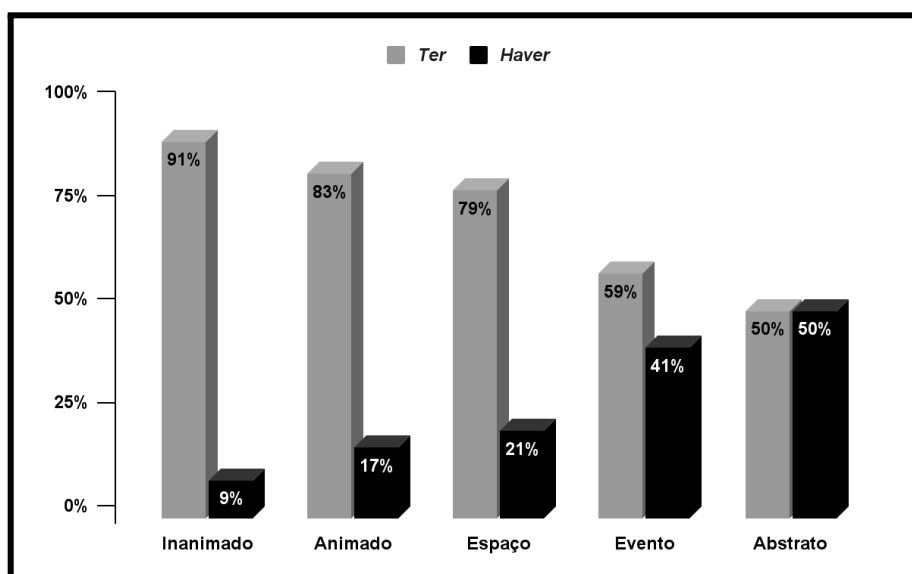
No que tange ao tempo verbal, a maioria das ocorrências (94%) restringe-se ao presente e aos pretéritos perfeito e imperfeito, indicando que as construções no presente favorecem o uso de *ter*, enquanto as no imperfeito favorecem *haver*. Ademais, observou-se que o uso de *ter* no pretérito perfeito aumentou de 10% em 1970 para 35% em 1990, ao passo que, no presente, a frequência de *ter* subiu de 70% para 90%. Dessa maneira, essa tendência sugere que o verbo *ter* está se tornando cada vez mais predominante em construções existenciais no geral. Resta investigar mais aprofundadamente o que está ocorrendo no pretérito perfeito.

Gráfico 1: Frequência de *ter* por tempo verbal nas décadas de 70 e 90.



Em seguida, a especificidade semântica do argumento interno também desempenha papel crucial na escolha entre *ter* e *haver*, visto que a análise identificou cinco especificidades que influenciam essa escolha. Argumentos animados e inanimados tendem a favorecer o uso de *ter*, ao mesmo tempo em que os tipos abstrato e evento são mais propensos a favorecer *haver*. Consequentemente, essa distinção semântica reflete a funcionalidade dos verbos em diferentes contextos.

Gráfico 2: Frequência de *ter* e *haver* pela especificidade semântica do argumento interno, juntando as duas décadas.



Somado a isso, a faixa etária dos falantes mostra uma correlação significativa com o uso de *ter*. O uso deste verbo aumentou em todas as faixas etárias, alcançando 98% entre os falantes mais jovens em 1990. Com efeito, o padrão de uso de *ter* se mostrou mais elevado entre os falantes mais jovens, indicando uma mudança geracional nas preferências linguísticas.

Por último, o gênero do falante também influenciou o uso dos verbos. Na década de 1970, as mulheres utilizavam mais o verbo *ter* (69%) em comparação aos homens (47%). Em 1990, a frequência de uso de *ter* entre mulheres foi de 75%, enquanto entre homens cresceu de 47% para 74%. Logo, esses dados evidenciam uma tendência de mudança na gramática do português brasileiro, com o verbo *ter* se consolidando como a forma preferida em contextos existenciais na fala culta carioca. Em síntese, essa evolução linguística sugere um processo dinâmico e contínuo na formação da língua, refletindo as transformações sociais e culturais da sociedade brasileira.

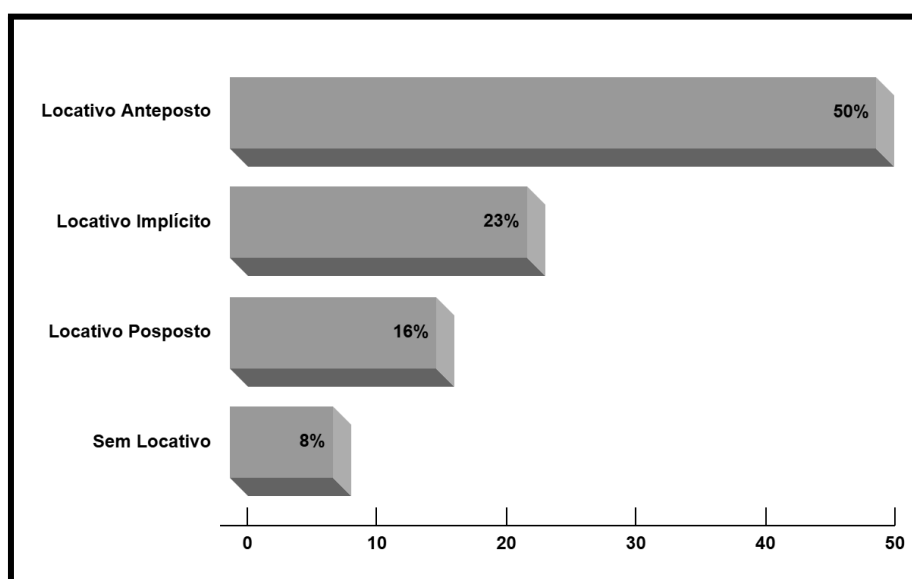
Em adição, a influência geográfica no uso dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais é um aspecto relevante na análise sociolinguística do português brasileiro, uma vez que o trabalho usado como referência de Cardoso (1986) indica que há uma diferenciação significativa nas normas de uso entre diferentes regiões do Brasil. Ao a autora analisar a fala culta de locutores com mais de 55 anos em capitais brasileiras, por exemplo, em Porto Alegre, verificou-se que o uso de *ter* predomina, enquanto no Rio de Janeiro observa-se um equilíbrio entre *ter* e *haver*. Em contrapartida, em cidades como São Paulo, Salvador e Recife, *haver* ainda é a forma mais utilizada. Essa variação geográfica reflete não apenas as particularidades linguísticas de cada local, mas também a aceitabilidade social das formas verbais dentro das comunidades. Nesse sentido, a hierarquia entre *ter* e *haver* pode ser influenciada por fatores culturais e educacionais, onde a forma preferida em uma região pode ser vista como mais prestigiada ou correta em contextos formais.

Em continuidade, segundo os autores, a substituição de *haver* por *ter* está associada a mudanças sintático-semânticas, como a tendência de inserir pronomes expletivos (como "*você*" ou "*a gente*") em construções existenciais, refletindo uma aproximação do português brasileiro a línguas como o inglês e o francês, que exigem o preenchimento obrigatório da posição de sujeito. Além disso, observa-se uma relação entre a posição do locativo (antes ou depois do verbo) e a ocorrência

desses pronomes expletivos, indicando uma evolução na estrutura sintática das frases existenciais. Essa situação posicional influencia significativamente a frequência de uso dos pronomes expletivos, que são pronomes que não desempenham uma função semântica específica, mas que preenchem a posição do sujeito na frase.

A análise quantitativa reforça essa relação, mostrando que quando a expressão locativa aparece anteposta ao verbo existencial, a frequência do expletivo atinge 50%, enquanto em casos de expressões locativas pospostas ou implícitas no contexto, as frequências são de 16% e 23%, respectivamente. Essa variação sugere a mudança na estrutura sintática das frases existenciais, indicando que a posição do locativo pode afetar a necessidade de um sujeito expletivo. Nos casos em que nem mesmo uma expressão locativa é inferível, a frequência é de 8%, conforme ilustrado no Gráfico 3.

Gráfico 3: Frequência do expletivo em contextos existenciais com o verbo *ter*, entre os falantes mais jovens na década de 90, considerando a colocação de expressão locativa na sentença.



Nessa perspectiva, quando o locativo aparece anteposto ao verbo, como em “No Rio de Janeiro você *tem* muitos mendigos”, observa-se uma maior frequência na implementação do pronome expletivo “você”. Neste contexto, a expressão locativa “No Rio de Janeiro” precede a forma verbal *tem*, facilitando a inserção do pronome expletivo. Por outro lado, quando o locativo é posposto, como na frase “Você *tem* muitos mendigos no Rio de Janeiro”, a ocorrência do pronome expletivo é menos

frequente. Aqui, a expressão locativa "no Rio de Janeiro" aparece após o verbo, o que tende a dificultar a implementação do expletivo.

Entre as décadas de 1970 e 1990, observou-se um aumento significativo na frequência do preenchimento da posição de sujeito, passando de 3% para 11%, conforme ilustrado no Gráfico 4. Essa tendência é mais pronunciada entre os falantes mais jovens da década de 1990, cujos dados indicam que, enquanto na década de 1970 a frequência se mantinha em torno de 2% para todas as faixas etárias, na década de 1990, entre os informantes da primeira faixa etária, o percentual chegou a 19%, conforme mostrado na Gráfico 5.

Gráfico 4: Frequência do expletivo em construções existenciais, nas décadas de 70 e 90.

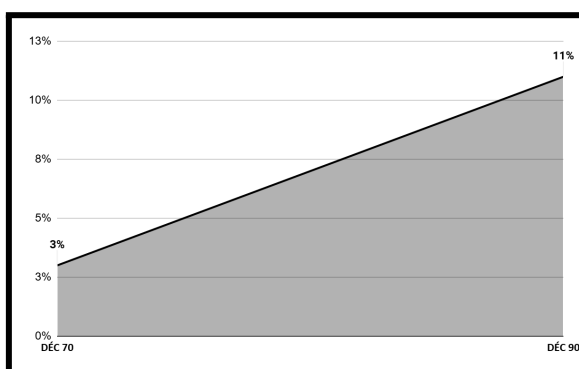
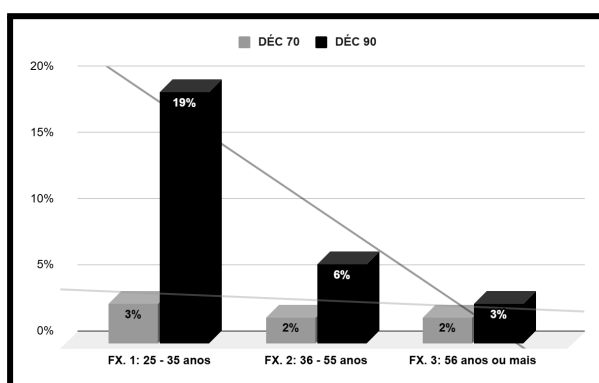


Gráfico 5: Frequência do expletivo por faixa etária em construções existenciais, nas décadas de 70 e 90.



Assim, a análise da posição do locativo em relação ao verbo e a presença de pronomes expletivos não apenas revela uma dinâmica interessante na construção das frases existenciais, mas também reflete as mudanças em curso na estrutura sintática do português brasileiro, evidenciando a evolução da língua ao longo do tempo.

Em termos históricos, a pesquisa sugere que o uso de *ter* em construções existenciais remonta ao século XVI, sendo uma característica preservada no português brasileiro, enquanto o português europeu abandonou essa forma. Portanto, o que inicialmente parecia uma inovação no Brasil pode ser reinterpretado como uma preservação de uma característica arcaica da língua portuguesa.

Em síntese, o trabalho de Callou e Avelar oferece uma análise detalhada da variação e mudança no uso de *ter* e *haver* em construções existenciais, destacando fatores linguísticos e sociais que influenciam essa evolução. A pesquisa contribui

para a compreensão da dinâmica do português brasileiro, evidenciando como a língua continua a se adaptar e evoluir ao longo do tempo.

Já o estudo dos mesmos linguistas de 2002 investiga a evolução dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais no português brasileiro, com foco em anúncios do século XIX. A pesquisa revela uma transição significativa: o verbo *ter*, inicialmente usado como verbo de posse, passa a ser empregado como verbo existencial, substituindo *haver* em muitos contextos.

As construções existenciais analisadas incluem frases como “há um livro na mesa” ou “tem um livro na mesa”. Nos dados estudados, observa-se que, enquanto *haver* era predominante em construções existenciais no século XVI, *ter* começou a ganhar espaço, refletindo uma mudança linguística significativa. No entanto, essa transição não ocorreu de forma abrupta: em muitos casos, ambas as formas coexistiam, dependendo do contexto e da região. Por exemplo, em frases como “não há agente medicinal no mundo que cure sezões” (RJ/1869), observa-se o uso de *haver* para expressar existência. Além disso, a presença de expressões locativas e temporais, como “lá não *tem* tranças de imitação” (SP/1879) ou “sexta-feira próxima *haverá* uma Gazeta Extraordinária No. 7” (RJ/1808), demonstra a flexibilidade e a adaptação das estruturas existenciais ao longo do tempo.

O levantamento de 382 dados revelou que 86% das ocorrências utilizam *ter*, enquanto 14% utilizam *haver*. Essa predominância de *ter* é notada em todas as estruturas analisadas, com destaque para as de posse, em que *ter* aparece em 98% dos casos. Os dados foram analisados estatisticamente utilizando o programa VARBRUL, que não identificou variáveis significativas para a escolha entre *ter* e *haver* nas diferentes estruturas.

Esse último estudo de Callou e Avelar contribui para a compreensão da evolução dos verbos *ter* e *haver* no português brasileiro, evidenciando a transição de *ter* de verbo de posse para verbo de existência. O verbo *ter*, ao longo do tempo, deixa de expressar exclusivamente a posse e passa a assumir também uma função existencial, especialmente em construções com expressões locativas, como “Na cidade de Pelotas não tem quartéis”. O estudo diacrônico de Callou e Avelar evidencia essa transição: *ter* e *haver* evoluem de verbos plenos para verbos funcionais e auxiliares, estabelecendo um paralelismo entre estruturas possessivas, existenciais e locativas. Assim, observa-se que *ter* pode receber uma interpretação existencial sem excluir a possessiva, o que contribui para compreender sua

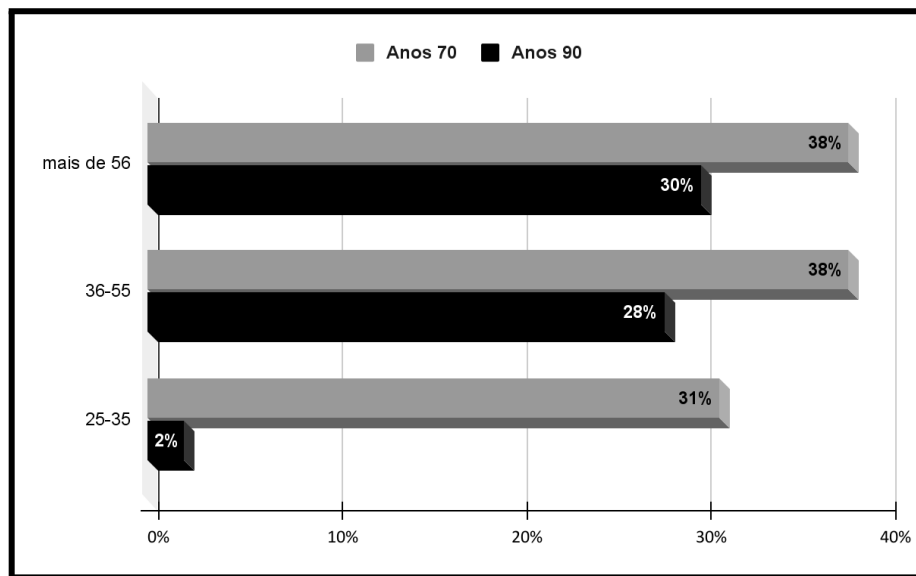
multifuncionalidade no português brasileiro. Essa mudança também reflete processos linguísticos dinâmicos e oferece *insights* sobre a evolução da língua ao longo do tempo.

2.2 *Haver* e *ter* na escrita do PB: o caso dos sites de reclamação e resenha de viagem (Marins; Duarte 2019)

Nesta seção, apresenta-se uma descrição resumida e breve do texto elaborado por Marins e Duarte (2019), pesquisadoras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicado no capítulo 6 do livro “As sentenças existenciais em foco”, discute a substituição do verbo *haver* pelo verbo *ter* em construções existenciais no português brasileiro. Fundamentada em estudos anteriores, a pesquisa busca compreender como fatores como o tempo verbal e o traço semântico do argumento interno influenciam essa mudança linguística. As autoras, apoiadas na hipótese de Avelar (2000), partem do pressuposto de que “haver” passou por uma transformação em seu estatuto categorial, o que explicaria seu uso cada vez mais restrito.

No desenvolvimento do pressuposto estudado, argumenta-se que o verbo “haver” deixou de funcionar como um *verbo existencial funcional*, de acordo com Embick e Noyer (2003), para assumir um papel mais lexicalizado, similar ao de verbos como *existir* e *ocorrer*. Essa mudança categorial é evidenciada pela queda expressiva no uso de *haver*, sobretudo entre os falantes mais jovens, alegação que encontra respaldo nos resultados de Callou e Avelar (2000), como vemos no gráfico 6 abaixo: enquanto na década de 1970 o verbo ainda era utilizado em cerca de 31% dos casos, esse número caiu drasticamente para apenas 2% nos anos 1990.

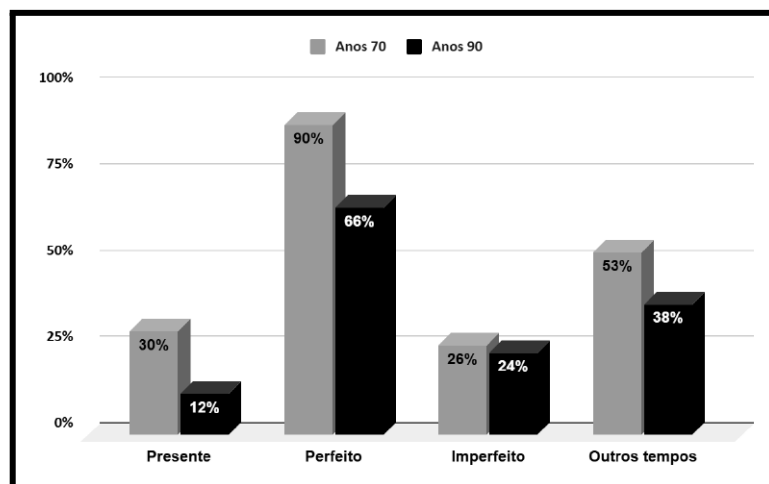
Gráfico 6: Distribuição de *haver* por três faixas etárias de 70 e 90



Fonte: Adaptado de Callou e Avelar (2000)

Além disso, as autoras recorrem mais uma vez a Callou e Avelar (2000) quanto à análise do tempo verbal, que revela que o pretérito perfeito é o tempo em que *haver* ainda encontra alguma frequência de uso na fala culta espontânea, embora com um sentido que se aproxima mais de *ocorrer* ou *acontecer* do que propriamente de *existir*. Nas falas de jovens, observa-se que *haver* é interpretado, por vezes, como se fossem dois verbos distintos, dependendo da forma de seu radical. Esse fenômeno reforça a ideia de uma reconfiguração do papel do verbo *haver* na estrutura do PB:

Gráfico 7: Distribuição de *haver* pelos tempos verbais nas décadas de 1970 e 199a (CALLOU; AVELAR, 2000)



Outro aspecto abordado no estudo diz respeito ao traço semântico do argumento interno, como vimos no gráfico 2 na seção 2.1 desta Monografia. As autoras destacam que *haver* tende a ocorrer em contextos que exigem traços semânticos mais abstratos, como [+evento] ou [+abstrato], chegando a percentuais de 50% e 41%, respectivamente, contra percentuais que não passam de 21% com os demais traços semânticos, enquanto *ter* se mostra mais versátil, sendo utilizado em uma gama mais ampla de situações, o que podemos ver nos *exemplos em (1)* abaixo

- (1) a. aqui no Leblon **tem** o padre Zeca.
b. **tinha** biscoitos na Colombo.
c. não **tem** mais o charme que tinha.
d. quando eu fiz quinze anos, **teve** uma festa maravilhosa.
e. **tem** bairros sensacionais fora de Salvador

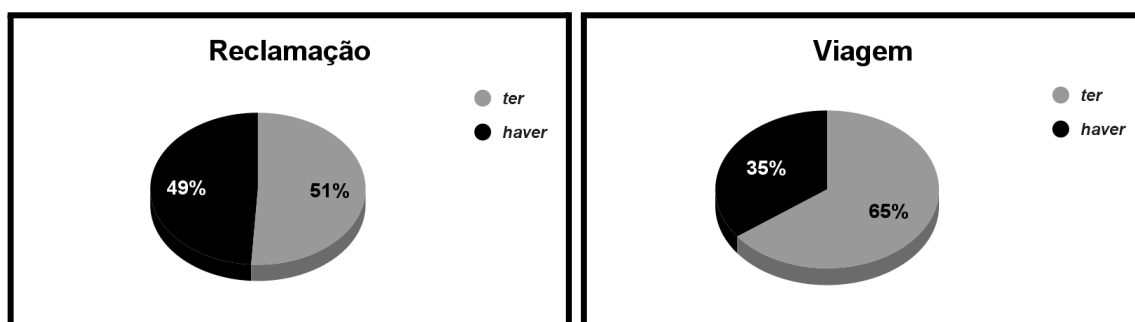
Isso sugere uma especialização do verbo "haver", que passa a se restringir a contextos mais específicos, enquanto "ter" amplia seu domínio nas construções existenciais.

Para efeito de comparação com os dados da fala culta espontânea, Marins e Duarte propõem uma análise baseada em dados extraídos de sites de resenhas de viagem e de reclamações, o que permite observar o uso dos verbos em um registro escrito menos formal e próximo da fala. Diferentemente do que seria esperado para a modalidade escrita, os resultados confirmam que, embora *haver* ainda apareça em contextos mais formais, seu uso é notavelmente inferior ao de *ter*, que se consolida como a forma preferida em contextos de escrita mais informais como parece ser o caso das resenhas de viagem.

As autoras procederam a uma coleta de 630 sentenças existenciais, distribuídas entre sites de resenhas de viagem (346 ocorrências) e de reclamação (324), 385 de verbo *ter* e 285 de verbo *haver*, que evidenciou a manutenção de ambos os verbos no sistema, ainda que com porcentagens e funções distintas. Isso revela que a distribuição entre *ter* e *haver* se apresenta com maior equilíbrio nos textos de reclamação, com 49% e 51%, respectivamente, enquanto nos textos de resenhas o verbo *ter* é claramente dominante, restando a *haver* apenas 36% das ocorrências, como vemos no gráfico 8 abaixo. Essa diferença parece se associar ao

grau de monitoramento de cada gênero textual: o discurso de reclamação, por pressupor um interlocutor institucional (a empresa), tende a uma escrita mais formal e normativamente orientada, o que favorece o resgate de *haver* por via da escolarização, conforme Avelar (2006b) já sinalizava.

Gráfico 8: Distribuição de *ter* e *haver* pelo tipo de site (MARINS; DUARTE 2019)



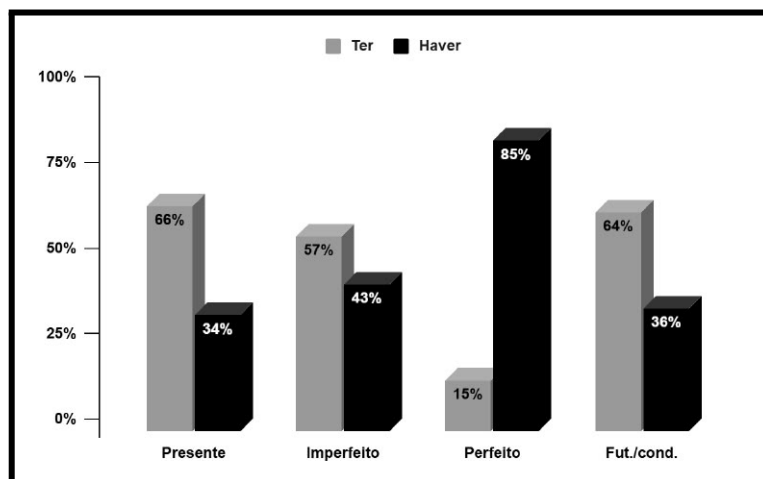
Essa constatação sustenta a hipótese de que o uso de *haver* em contextos de maior formalidade constitui um fenômeno de resistência, vinculado ao estatuto simbólico do verbo como forma prestigiada. No *exemplo em (2)*, analisado por Marins e Duarte, observa-se esse comportamento:

- (2) Pedi para falar com o supervisor para que pudesse explicar melhor a necessidade de urgência no meu pedido de suporte, mas fui informado que não *havia* nenhum supervisor disponível em tal horário (18:30h). Após implorar por uma revisão mais breve do meu caso, a atendente disse que em até 24h eu seria atendido pelo suporte técnico local da GVT e o cabo telefônico seria repassado do poste até a minha residência. [Reclame Aqui]

A presença de *haver* em “não *havia* nenhum supervisor disponível” evidencia esse comportamento mais controlado e uma sintaxe de caráter mais elaborado, já que o trecho se organiza em um período extenso, articulado por múltiplas orações subordinadas e conectores que exprimem finalidade junto a verbos no subjuntivo (“para que pudesse explicar melhor”) e oposição (“mas fui informado que...”). Essa estrutura mais complexa, somada às escolhas lexicais de registro formal — como “necessidade de urgência”, “revisão mais breve do meu caso” e “suporte técnico local” — reforça o monitoramento e o caráter impessoal do texto, típico de contextos em que o verbo *haver* tende a prevalecer sobre *ter*.

No entanto, a análise dos contextos de resistência de *haver* revela um cenário de mudança categorial em curso. Ao se observar o comportamento do verbo segundo o tempo verbal, verificou-se que o **pretérito perfeito** é o principal reduto de permanência de *haver*, com 85% das ocorrências, como se nota no gráfico 9, superando amplamente o uso de *ter*.

Gráfico 9: Distribuição de *ter* e *haver* pelos tempos verbais (MARINS; DUARTE 2019)



Esse dado retoma os resultados de Callou e Avelar (2000) e parece reforçar a interpretação de Avelar (2006a) de que *haver* vem se especializando como um verbo de valor narrativo. Contudo, a leitura crítica de Marins e Duarte aprofunda esse ponto ao demonstrar que o predomínio de *haver* no perfeito não deriva de um traço discursivo, mas morfológico: o radical do pretérito perfeito *houv-* induz uma leitura eventiva. O exame das ocorrências do verbo *haver* no referido tempo mostra um quadro revelador quanto à sua polissemia e às nuances de uso em contextos reais, verifica-se que, das 65 ocorrências identificadas nesse tempo verbal, 57 (88%) manifestaram o verbo com sentido de *ocorrer* ou *acontecer*, afastando, portanto, a possibilidade de substituição por *existir*. Dessa forma, trata-se de construções em que o evento descrito remete a um fato ou acontecimento delimitado no tempo, como ilustram o *exemplo em (3)*:

- (3) [...] Nesta data também não houve [ocorreu/aconteceu] a entrega do produto.
É a última atualização de histórico no site. [Reclame Aqui]

A questão da alteração semântica do radical *houv-* parece ainda mais evidente quando observamos outros tempos com o mesmo radical, caso do imperfeito do subjuntivo, nos exemplos em (4) e (5), em que o sentido também se aproxima do de *ocorrer* e *acontecer*, e afastando-o da noção de pura existência. Essa cisão paradigmática pode indicar que as gerações mais jovens talvez já não pareçam perceber *há/hav-* e *houv-* como formas de um mesmo verbo, mas como unidades distintas quanto ao valor semântico .

- (4) Destaco que os valores cobrados em fatura, o foram de forma total, como se não **houvesse** [ocorresse/acontecesse] interrupção do serviço, também caracterizando cobrança ilegal e abusiva. [Reclamação.com]
- (5) A Sky age como se **houvesse** [existisse] conta em aberto e se o serviço estivesse ativo. [Reclamação.com]

Por outro lado, oito ocorrências não apresentam de forma tão clara essa leitura de evento. Dentre elas, duas configuram usos inequivocamente existenciais, como se observa em (6), nos quais o verbo denota a presença ou existência de um estado ou entidade, e não um acontecimento:

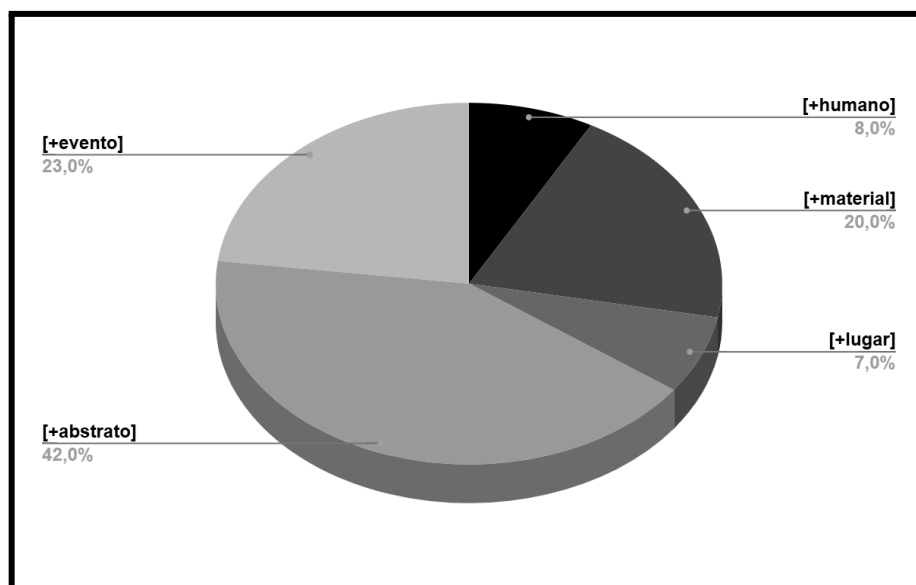
- (6) a. A operadora cobra fatura referente ao mês de abril de 2015, quando não **houve** [existiu/ocorreu/aconteceu] serviço de telefone e banda larga. [Reclamação.com]
- b. **Houve** [existiu] um período em que chegamos, eu e minha família, a pensar em mudar, devido ao péssimo atendimento da assistência técnica de vocês, aqui em Maceió. [Reclamação.com]

Por fim, as demais seis ocorrências demonstram um comportamento ambíguo, permitindo tanto uma leitura existencial quanto eventiva, sem prejuízo à aceitabilidade ou à coerência da sentença. Esse tipo de ocorrência sugere um espaço de interseção entre os dois sentidos, em que o verbo *haver* pode oscilar entre denotar um estado existente ou um evento ocorrido, conforme indicam o exemplo em (7):

(7) [...] a empresa quitou sua fatura no dia 13/10/15, e o acéfalo do Carlos disse que não poderia me atender já que **houve** [existiu/ocorreu/aconteceu] inconsistência na informação dos dados. [Reclame Aqui]

Assim, o conjunto dos dados aponta para uma predominância da leitura eventiva do verbo *haver* no pretérito perfeito (mas também de outros tempos com o mesmo radical), associada a eventos, acontecimentos. Contudo, a presença de casos ambíguos e existenciais sugere a implementação em curso da mudança categorial já que sua interpretação depende fortemente da natureza do nome núcleo na posição de complemento. A partir dessa observação, as autoras examinam ainda os **traços semânticos do argumento interno** como segundo eixo de resistência de *haver*. O *gráfico 10* mostra que 42% das ocorrências apresentam complementos com o traço [+abstrato], e, quando somadas às de traço [+evento], atingem 65% do total. Esse predomínio confirma as análises diacrônicas de Marins (2013), segundo as quais *haver* sobrevive preferencialmente em contextos em que os argumentos internos exibem os traços menos materiais, evidenciando a mudança de sentido por que vem passando *haver*. Os *exemplos em (8) e (9)* abaixo ilustram essa condição:

Gráfico 10 - Distribuição geral do traço semântico do argumento interno de *haver* (MARINS; DUARTE 2019)



- (8) Isso quer dizer que ***há*** [a possibilidade] de que eu aguarde três dias úteis só para ser informada de que não serei atendida! [Reclamação.com]
- (9) Do hotel não temos o que reclamar. Tudo conforme descrito no site e combinado, e até um pouco melhor, pois ***houve*** [reforma] no prédio. [Booking.com]

As autoras ainda procedem à correlação entre o tempo verbal e o tipo de argumento explicitada na tabela 1, que evidencia a concentração de complementos [+evento] no pretérito perfeito (61%) e a presença quase exclusiva de argumentos [+abstrato] e [+evento] nesse tempo verbal. Em contrapartida, nos tempos sem alomorfia de radical (presente, imperfeito e futuro/condicional) há um equilíbrio maior entre os traços materiais e não materiais, o que sugere que a especialização semântica de *haver* avança de maneira desigual no paradigma. Além disso, configura-se uma exceção dos tempos futuro e condicional nesses casos, os quais se mostraram ligeiramente mais produtivos na associação a argumentos internos portadores dos traços [+abstrato] e [+evento], alcançando o percentual de 66,5%.

Tabela 1 - Distribuição do argumento interno de *haver* pelos tempos verbais (MARINS; DUARTE 2019)

Traço semântico	Presente		Imperfeito		Fut./Cond.		Perfeito	
[+humano]	12 - 11%	48 - 43%	11 - 11%	49 - 51%	-	4 - 33,5%	-	
[+material]	19 - 17%		35 - 36%		1 - 8,5%		-	
[+lugar]	17 - 15%		4 - 4%		3 - 25%		-	
[+abstrato]	52 - 46%	64 - 57%	37 - 39%	46 - 49%	7 - 58%	8 - 66,5%	25 - 39%	65 -
[+evento]	12 - 11%		9 - 10%		1 - 8,5%		40 - 61%	
TOTAL	112 - 100%		96 - 100%		12 - 100%		65 - 100%	

A leitura integrada dos resultados numéricos e qualitativos permite inferir que o verbo *haver*, ao perder o estatuto de categoria funcional e aproximar-se do comportamento de uma categoria substantiva, passa a s-selecionar apenas complementos compatíveis com a interpretação de ocorrência ou acontecimento. O conjunto de exemplos analisados ilustra essa restrição: enquanto em “*há* sempre gente em casa” ou “*havia* um banner enorme na loja” a substituição por *ocorrer* ou *acontecer* é inviável, em “*houve* um sinistro em minha moto” ou “*houve* uma modificação no sistema” tais substituições se tornam plenamente gramaticais. Essa

oposição entre *há/havia* (de valor existencial) e *houve* (de valor eventivo) consolida a hipótese da mudança categorial proposta por Avelar (2006a) e confirmada pelos dados de Marins e Duarte (2019).

Adicionalmente, comparando-se o pretérito perfeito com o presente e o imperfeito, verifica-se que *haver* mantém alta compatibilidade com complementos portadores dos traços [+humano], [+material] e [+lugar]. Nessas construções, a substituição por *existir* não acarreta agramaticalidade; contudo, verbos como *ocorrer* e *acontecer*, que selecionam argumentos [+evento], não admitem tais complementos, bloqueando leituras ligadas a entidades concretas ou de caráter locativo como pode ser visto no *exemplos em (10)*:

- (10) a. [...] **Há** (existe / *ocorre / *acontece) sempre [gente] em casa nas 24 horas do dia. [Reclamação.com] — complemento: [+humano]
b. [...] na loja **havia** (existia / *ocorria / *acontecia) [um banner enorme] com plano de “Whats app” por 29,90. [Reclame Aqui] — complemento: [+material]
c. [...] **Há** poucos passos do Palácio do Catete, há (existem / *ocorrem / *acontecem) [um museu e atividades culturais], com uma decoração agradável. [Booking.com] — complementos: [+lugar]/[+material]

Já ao analisarmos os dados com *haver* no pretérito perfeito, como nos exemplos em (11), percebe-se um quadro inverso ao observado anteriormente: a substituição por *existir* deixa de ser aceitável, ao passo que *ocorrer* e *acontecer* continuam plenamente compatíveis com o contexto, preservando a gramaticalidade das sentenças.

- (11) a. [...] **Houve** [ocorreu/aconteceu/existiu] um sinistro envolvendo minha moto [...], acionei a seguradora e a moto foi transportada para a concessionária através de carro-guincho da própria seguradora. [Reclame Aqui]
b. [...] **houve** [ocorreu/aconteceu/existiu] uma modificação no sistema, por isso, não foi mandado para o banco. [Reclamação.com]

Por fim, a diferença de sentido entre *há/havia* e *houve* torna-se ainda mais evidente ao observarmos as interpretações possíveis para o mesmo tipo de argumento interno. Em certas situações, o complemento de *haver* é um substantivo que pode ser lido tanto como resultado de uma ação quanto como a própria ação. Observa-se que, quando tal substantivo é complemento de *há/havia*, a tendência é considerá-lo estático, enfatizando o resultado do evento (12). Por outro lado, quando aparece com *houve*, o mesmo argumento pode ser interpretado de forma dinâmica, focalizando o evento em si (13)

- (12) [...] eu recebi informação de que não havia débito e que **havia** um erro no sistema e que tudo se resolveria até a tarde de ontem. [Reclamação.com]
- (13) [...] ao chegarmos por volta de 17h no Hotel Toledo, o Sr.Sven nos informa que não tem quarto para nós... disse que **houve** um erro no sistema. [TripAdvisor]

Portanto, a análise dos resultados aponta que o verbo *haver* resiste no português brasileiro contemporâneo não como herança estável de sua função existencial, mas como vestígio de uma reconfiguração semântica. Sua permanência restringe-se a contextos de maior formalidade e a construções que privilegiam o valor de evento, sobretudo no pretérito perfeito, onde a forma *houve* opera como pivô da mudança. Já o verbo *ter* se consolida como a forma existencial dominante, assumindo tanto os contextos cotidianos e informais quanto os de registro parcialmente espontâneo da escrita digital. Essa tendência, confirmada quantitativa e qualitativamente, reforça o avanço da chamada gramática periférica, que atua em contextos restritos do PB, evidenciando um movimento de especialização e divisão de funções entre os dois verbos e sendo um movimento que, embora gradual, se mostra morfossintaticamente irreversível.

Em conclusão, o trabalho de Marins e Duarte (2019) oferece uma contribuição relevante para a compreensão da dinâmica do português brasileiro contemporâneo. Ao evidenciar os fatores linguísticos e sociais que influenciam a substituição de *haver* por *ter*, a pesquisa mostra que essa mudança nas sentenças existenciais do PB está relacionada a fatores como o tempo verbal e o traço semântico do argumento interno. O verbo *ter* tem seu uso associado aos mais variados condicionamentos das sentenças existenciais, enquanto *haver* se especializa e se

torna cada vez mais restrito. Essa mudança reflete uma reconfiguração estrutural e geracional da língua.

3. Metodologia

A análise de dados realizada neste trabalho parte da amostra de textos coletados por Marins e Duarte (2019) entre abril de 2015 e janeiro de 2016, em dois tipos de plataformas digitais: sites de resenhas de viagem (particularmente Booking.com) e sites de reclamações de serviços e produtos (particularmente Reclame Aqui), agregando novos dados para efeito de comparação. A escolha desse tipo de *corpus* — a escrita aparentemente menos monitorada de usuários na internet quando comparados com domínios discursivos em que se vê um monitoramento mais efetivo, como é o caso do jornalístico — foi motivada por dois fatores principais. Em primeiro lugar, o verbo *haver*, que apresenta baixos índices de ocorrência na fala espontânea do português brasileiro atual e tende a ser mantido principalmente pela escolarização, poderia aparecer com mais frequência na escrita, tornando esse ambiente propício para observarmos seu comportamento em diferentes contextos. Em segundo lugar, por se tratarem de gêneros textuais que não exigem um alto grau de monitoramento linguístico por parte dos internautas, em função da dinâmica mais livre e imediata da comunicação online, seria possível identificar traços da fala espontânea em maior ou menor grau dentro desses textos, o que é menos provável em textos escritos cujo grau de monitoramento é maior, como é o caso de textos mais prestigiosos do domínio discursivo jornalístico. Assim, os dois tipos de site (reclamações e de resenhas) podem oferecer um espaço de transição entre a fala e a escrita, permitindo observar o fenômeno sob diferentes níveis de atenção e acionamento de .

A presente pesquisa adota, portanto, uma abordagem empírica e comparativa, ampliando o escopo dos dados originais de Marins e Duarte (2019), referentes ao período de 2015, com a incorporação de novos dados coletados entre 2024 e 2025, provenientes de plataformas análogas, como o Airbnb (para o gênero das resenhas de viagem) e o Reclame Aqui, na seção de reclamações de serviços e produtos, especialmente associadas ao Mercado Livre. Ao todo, foram analisadas 630 sentenças existenciais do corpus de 2015, sendo 346 provenientes de resenhas

de viagem e 324 de textos de reclamação, comparadas às 237 novas sentenças coletadas em 2025, sendo 106 de resenhas e 131 de reclamações. Esse distanciamento temporal deve permitir observar continuidades e possíveis reconfigurações nos usos de *ter* e *haver* em construções existenciais ao longo da última década.

Após a coleta, os dados foram organizados e codificados segundo os mesmos grupos de fatores utilizados por Callou e Avelar (2000) e por Avelar (2006b), garantindo a comparabilidade entre os diferentes recortes temporais. O tratamento estatístico foi realizado com o auxílio do programa GoldVarb-X, empregado aqui para calcular as frequências de ocorrência, uma vez que este estudo parte do pressuposto de que *ter* e *haver* não se encontram em variação nos termos da Sociolinguística variacionista laboviana, pois seguem caminhos estruturais distintos. A análise se baseia, portanto, em fatores linguísticos previamente estabelecidos pela literatura, mantendo o foco na organização descritiva e interpretativa das sentenças existenciais.

Neste trabalho, o foco da análise recai sobre dois fatores específicos: o tempo verbal e o traço semântico do argumento interno das construções com *haver*. Nosso objetivo é compreender de que modo esses dois aspectos se relacionam com o processo de mudança categorial do verbo, especialmente no que diz respeito à sua transição de um **verbo existencial funcional**, quando era mais próximo da categoria de *ter*, para um **verbo existencial substantivo**, como *acontecer* ou *existir*.

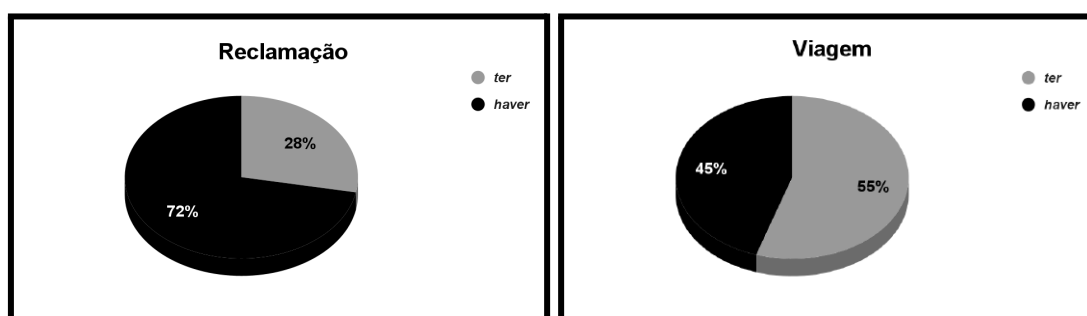
Dessa forma, a metodologia adotada mantém como base o aparato teórico utilizado por Marins e Duarte (2019), alinhado à Teoria de Princípios e Parâmetros em sua versão não lexicalista (CHOMSKY 1995) e à Morfologia Distribuída (EMBICK; NOYER 2004). Essa abordagem permite observar as transformações estruturais de *haver* não apenas como fenômenos de substituição lexical, mas como reconfigurações morfossintáticas relacionadas à remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no português brasileiro e à especialização semântica do verbo em contextos mais específicos, como os narrativos. Assim, a metodologia proposta articula o levantamento e codificação de dados empíricos, retirados de textos digitais espontâneos, com uma base teórica sólida, voltada à compreensão dos mecanismos formais e semânticos que sustentam a mudança em curso nas construções existenciais do português brasileiro.

4. Resultados: Airbnb e Reclame Aqui (2024/2025)

A análise dos materiais coletados entre 2024 e 2025, compostos por 237 sentenças existenciais, sendo 106 provenientes do Airbnb (resenhas de viagem) e 131 do Reclame Aqui (reclamações, sobretudo relativas ao Mercado Livre), evidencia a permanência da tendência já observada em Marins e Duarte (2019): o verbo *ter* já começa a apresentar maiores percentuais em gêneros que permitem menor grau, sugerindo mais influência da gramática da fala, enquanto que *haver* ainda se mantém predominante em contextos escritos em que se exige maior grau de monitoramento para que se atinja o efeito pretendido com o texto.

Os resultados quantitativos iniciais, apresentados no gráfico 11 confirmam que o gênero textual exerce influência direta sobre a escolha do verbo.

Gráfico 11: Distribuição Geral de *ter* e *haver* - 2024/2025



Nas resenhas de viagem, associadas a uma escrita mais livre e próxima da oralidade, o verbo *ter* apresenta leve vantagem em relação a *haver*, com cerca de 55% das ocorrências, enquanto *haver* representa 45%. Já nas reclamações do Reclame Aqui, contexto mais formal e monitorado, essa relação se inverte: *haver* alcança 72%, e *ter* recua para 28%.

Esses resultados sugerem que o nível de monitoramento linguístico interfere diretamente na escolha do verbo: contextos de reclamação, cujos textos são lido por instâncias jurídicas ou de atendimento ao cliente das empresas e em que se pretende ter uma demanda atendida tendem a eleger *haver*, enquanto o discurso veiculado de resenha de viagem tende a favorecer *ter*. Entretanto, observa-se um dado interessante nas reclamações mais recentes analisadas neste trabalho: a ocorrência de *haver* mesmo em contextos mais monitorados é ainda mais expressiva do que na análise do dados dos anos 2015/2016, diferentemente do que se poderia

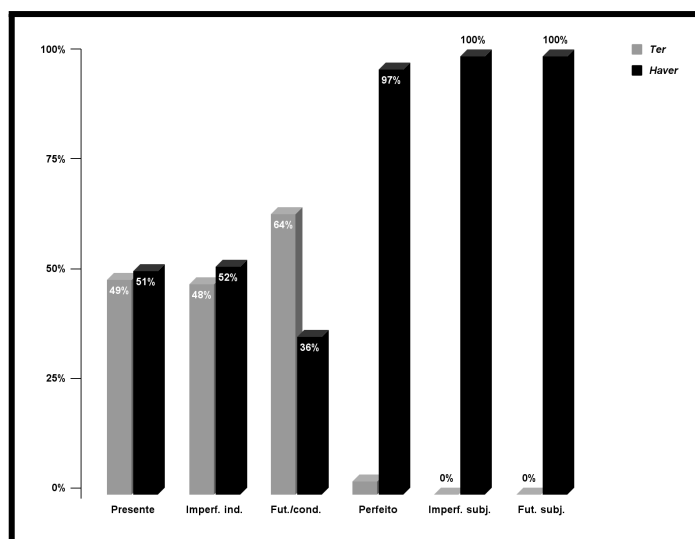
esperar, dado que o caminho do PB é da hegemonia de *ter* sobre *haver* nas sentenças existenciais, fenômeno que se implementa na fala, mas que ainda está em curso na escrita. Isso se deve possivelmente à influência da norma padrão, à pressão normativa, e do desejo de demonstrar domínio linguístico, justamente por conta do objetivo desse tipo de evento comunicação. Um exemplo representativo disso está em (14) abaixo:

- (14) Ao receber o aparelho, percebi que **HAVIA** moléculas de água embassadas na câmera, o que me preocupou. [Reclame Aqui – fevereiro de 2025]

A opção por *havia* nesse contexto de reclamação pública e de registro do problema/defeito é reveladora. Embora o padrão do português falado privilegie *ter*, o uso de *haver* indica uma tentativa de formalização estilística, possivelmente associada à visibilidade do texto e à busca de credibilidade no relato.

Passando à análise dos contextos linguísticos, o gráfico 12 apresenta a distribuição dos verbos *ter* e *haver* pelos diferentes tempos verbais.

Gráfico 12: Distribuição de *ter* e *haver* pelos tempos verbais - 2024/2025

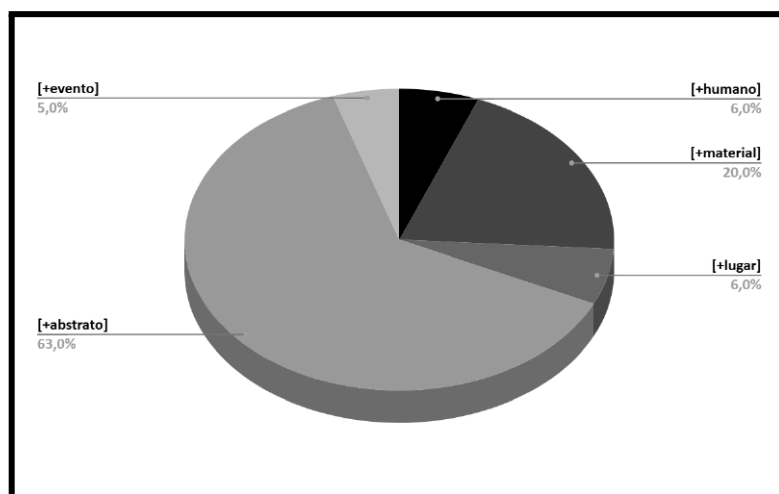


É possível notar que há um relativo equilíbrio entre *ter* e *haver* no presente, no imperfeito do indicativo e no futuro (aqui amalgamado ao condicional), com uma pequena diferença neste último tempo, em que *ter* apresenta um percentual acima de 50%, contra um percentual na casa dos 30% de *haver*. Já no pretérito perfeito e

nos dois tempos do subjuntivo (em que se verifica o mesmo radical do perfeito), *haver* aparece com índices muito mais expressivos que *ter*, confirmando a tendência já apontada por Marins e Duarte (2019). É de se notar a escassez de dados no imperfeito e no futuro do subjuntivo (apenas 1 dado e 4 dados, respectivamente) inviabiliza generalizações, mas constitui importante agenda futura.

Passando à análise do próximo contexto linguístico, observamos o gráfico 13, que mostra a distribuição dos argumentos internos (AIs) conforme o grau de concretude ou abstração.

Gráfico 13: Distribuição de *haver* pelo traço semântico do AI - 2024/2025



Como se pode notar pela observação do gráfico acima, *haver* tende a se associar a argumentos internos de caráter mais abstrato, como os com os traços [+abstrato] e [+evento], totalizando 67% em relação ao total. Para a nossa análise em específico, é interessante notar que esse panorama está em consonância com os resultados de Marins e Duarte (2019), mas não é suficiente para demonstrar a mudança categorial por que possivelmente vem passando parte do paradigma de *haver*, já que esse resultado congrega as formas com o radical *ha/hav-* e *houv-*. Foi exatamente essa lacuna que motivou o cruzamento entre os dois fatores aqui analisados no estudo de Marins e Duarte (2019) e que fazemos também neste trabalho.

A tabela 2 traz o cruzamento entre o tempo verbal e o traço semântico do AI de *haver*. É importante salientar que neste trabalho optamos por analisar os tempos verbais o mais separadamente possível, justamente para tentar identificar o peso do radical na seleção do AI. Evidencia-se também aqui bloqueio de traços: *haver*

parece inibir a combinação com argumentos menos abstratos, preferindo nomes de caráter mais abstrato. As lacunas e traços na tabela refletem a inexistência real de compatibilidade sintática, ou seja, restrições lexicais impostas pelo próprio verbo. Como se pode notar, enquanto no presente e no perfeito, *haver* exibiu Als de todos os matizes semânticos (exceto pela ausência circunstancial de Als com o traço [+lugar]), no perfeito, no imperfeito subjuntivo e no futuro do subjuntivo os traços de caráter mais concreto parecem ser de fato bloqueados. Essa afirmação pode não ser precisa se considerarmos os poucos dados de imperfeito e futuro do subjuntivo, mas os dados de perfeito estão em linha com o que já vinha sendo observado em trabalhos anteriores.

Tabela 2: Distribuição do argumento interno de *haver* pelos tempos verbais - 2024/2025

Traço semântico	Presente		Imperfeito		Fut./Cond.	
[+humano]	4 - 6%	28 - 40%	4 - %	18 - 69%	-	-
[+material]	16 - 23%		13 - %		-	
[+lugar]	8 - 11%		1 - %		-	
[+abstrato]	42 - 60%	42 - 60%	8 - %	8 - 31%	5 -	100 - %
[+evento]	-		-		-	
TOTAL	70 - 100%		26 - 100%		5 - 100%	
Traço semântico	Perfeito		Imperf. Subj.		Fut. subj.	
[+humano]	-	-	-	-	-	-
[+material]	-		-		-	
[+lugar]	-		-		-	
[+abstrato]	32 - %	38 - 100%	1 - 100%	1 - 100%	4 - 100%	4 - 100%
[+evento]	6 - %					
TOTAL	38 - 100%		1 - 100%		4 - 100%	

Passemos, então, à comparação mais detida com os resultados de Marins e Duarte (2019) na próxima seção.

5. Considerações finais: a discussão comparativa da nova amostra e a de Marins e Duarte (2019)

A relação entre os resultados obtidos em 2024/2025 e aqueles apresentados por Marins e Duarte (2019) evidencia tanto continuidades relevantes quanto diferenças sutis no comportamento dos verbos *ter* e *haver* em construções

existenciais na escrita digital menos monitorada. Ainda que os resultados gerais aqui encontrados corroborem as análises de Marins e Duarte (2019), notamos algumas especificidades quanto a manutenção de *haver* no PB. Essas especificidades se distribuem por dois eixos principais: (i) contratendência de *haver* segundo o gênero textual e (ii) extensão e refinamento da especialização semântica de *haver*.

No que diz respeito ao primeiro eixo, o comportamento dos verbos nos textos de reclamação permanece alinhado ao observado em 2019: *haver* tende a ser preferido em contextos de maior monitoramento linguístico, amparado pelo valor de prestígio associado à norma escolar. Entretanto, a amostra mais recente acentua uma assimetria que merece destaque. Enquanto Marins e Duarte (2019) descreviam uma distribuição relativamente equilibrada, com leve vantagem de *haver* em reclamações, os dados atuais mostram um avanço percentual expressivo, consolidando o verbo como marcador de formalidade argumentativa, em conjunto com outros marcadores de prestígio, sobretudo no que se refere à seleção lexical. Tal movimento sugere não apenas a relevância do ensino normativo, como também uma possível intensificação da postura institucional dos textos de queixa: o falante parece reconhecer que não se dirige apenas a outro usuário, mas a uma entidade empresarial e, potencialmente, a um público amplo capaz de avaliar sua própria competência escrita. Por outro lado, diferentemente do que se via em 2019, o aumento de *haver* em resenhas de viagem ocupa agora uma zona liminar. Sua presença pode não se explicar pelo monitoramento, mas por um mecanismo discursivo de autopromoção, no qual *haver* opera como recurso de credenciamento linguístico e social. Essa leitura amplia, portanto, a discussão de Callou e Avelar (2002) sobre prestígio e escolarização, deslocando-a para uma camada mais fina da escrita digital contemporânea.

No que se refere ao segundo eixo, do ponto de vista qualitativo, os novos dados reforçam e aprofundam a especialização semântica de *haver* quando seu radical é *houv-* em direção a argumentos de viés mais abstratos, assim como eventos. Essa segmentação já era descrita em 2019, mas a amostra atual revela um maior grau de consistência, sobretudo no pretérito perfeito, ampliando e confirmando o comportamento analisado pelas autoras. Nesse sentido, chama atenção o fato de que o radical *houv-* de *haver* passa, cada vez mais, a bloquear argumentos de nuances mais concretas, em contextos existenciais, o que sugere deslocamento morfológico progressivo rumo à classe das categorias substantivas, permitindo uma

leitura eventiva ou situacional. Desse modo, parece se consolidar uma divisão de trabalho: enquanto o radical as formas verbais com os radicais *ha/hav-* assumem o domínio das existenciais sem qualquer restrição quanto aos seus argumentos internos, as formas com o radical *houv-* de *haver* se vincula a Als co os traços mais abstratos, bloqueando os Als de traços mais concretos.

Dessa maneira, constata-se que a permanência do radical *houv-* continua a ser o principal fator para uma leitura eventiva, confirmando a observação de 2019. Contudo, se naquele momento a alomorfia era descrita como a razão da mudança, os dados atuais permitem afirmar que essa mudança semântica é praticamente categórica: nenhum dos dados recentes sugere interpretação puramente existencial em contextos com *houv-*. Assim, embora a mudança categorial ainda esteja em curso, seus contornos se encontram mais estáveis, indicando estágio mais avançado de mudança categorial.

Por consequência, a comparação entre os dois estudos sugere que o processo de mudança não implica desaparecimento de *haver*, mas sua redistribuição funcional, ecoando, por assim dizer, a leitura diacrônica proposta por Callou e Avelar (2002). Não há evidências, nos dados mais recentes, de desaparecimento de *haver*. Ao contrário, há intensificação de sua especialização semântica e discursiva e sua manutenção ainda na escrita. Se na fala espontânea, os índices de *haver* diminuem consideravelmente, se mantendo baixos, mas constantes, na escrita, os percentuais tendem à redução, indicando um processo semelhante ao que se observa na fala. Resta, assim, uma agenda de trabalho que passa pela observação mais acurada do comportamento de *haver* na escrita mais padronizada, além de observar o papel do aspecto na mudança categorial desse verbo, principalmente apreciando dados dos tempos do subjuntivo.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, J. O. de; CALLOU, D. **Estruturas com *ter* e *haver* em anúncios do século XIX**. In: ALKMIM, T. (org.). *Para a história do português brasileiro*. v. III. São Paulo: Humanitas/USP, 2002. p. 47-67.
- CALLOU, D.; AVELAR, J. O. de. **Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil**. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 85-100, 2000.
- CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- EMBICK, D.; NOYER, R. **Distributed morphology and the syntax/morphology interface**. Manuscrito, 2004.
- MARINS, J.; DUARTE, M. E. L. **A substituição de *haver* por *ter* em sentenças existenciais no PB: a relação entre tempo verbal e traço semântico do argumento interno**. In: GONÇALVES, E. (org.). *As construções existenciais em foco*. Salvador: EdUFBA, 2019.